

## Nota Técnica

Por Francis Lacerda

### *Nível de CO<sub>2</sub> na atmosfera atingiu 420 ppm em 2023, 51% acima à do início da revolução industrial.*

A janela de oportunidade de limitar o aquecimento a 1,5°C está se fechando. Em rota de colisão com o clima seguimos caminhando para meta de não cumprir o Acordo de Paris.

A Organização Meteorológica Mundial (OMM), publicou o Boletim(\*) número 20 de Gases de Efeito Estufa em 28/10/2024. O Boletim meteorológico da OMM denuncia que 2023 bateu novo recorde de concentração de gases de efeito estufa (GEE) na atmosfera do planeta. O quadro geral inspira preocupação dado que a maioria dos países vem evitando a eliminação da exploração e a queima de combustíveis fósseis, nesse sentido, a tendência é de que as mudanças climáticas piorem cada vez mais.

Uma atmosfera super aquecida implica na alteração de ciclos do balanço climático aos quais as civilizações se desenvolveram ao longo de milênios. O resultado mais visível de um planeta mais quente é um oceano também mais quente, aumentando a frequência e intensidade dos eventos extremos, uma das principais consequências do aquecimento global, dentre outras.

A concentração média global de CO<sub>2</sub> atingiu 420 partes por milhão (ppm); a de metano 1.934 partes por bilhão (ppb); e de óxido nitroso 336,9 ppb, em 2023. Esses valores são respectivamente 51%, 165% e 25% acima dos níveis anteriores à Revolução Industrial. Segundo a OMM, o acúmulo de CO<sub>2</sub>, tem se dado de forma rápida numa taxa de 11,4% em duas décadas.

Os grandes incêndios de vegetação, em 2023, e possível redução na absorção de carbono pelas florestas, combinadas com emissões sistematicamente altas de CO<sub>2</sub> impulsionaram o aumento dos GEE, na atmosfera. A OMM alerta, no relatório, que o possível desencadeamento de retroalimentações climáticas pode gerar incêndios florestais cada vez mais intensos e frequentes, que liberam ainda mais carbono para a atmosfera fazendo com que os oceanos – os oceanos são um sumidouro para o gás carbônico - se

tornem cada vez mais quentes e absorvam menos CO<sub>2</sub>, o que é extremamente preocupante, dado o atual avanço da acidificação dos oceanos.

Relatório da OXFAM ressalta que as altas emissões de carbono do 1% mais rico do mundo estão agravando as desigualdades sociais, a fome e a pobreza e aumentando as mortes. Segundo relatório, se toda a população mundial emitisse GEE na mesma taxa que um bilionário emite, o orçamento de carbono para permanecer dentro do limite de 1,5°C acabaria em menos 48 horas. É possível que as emissões do 1% mais rico da população global, segundo relatório, sejam ainda mais acentuadas. Esse 1% é responsável por até 20% das emissões globais de carbono. O relatório ressalta que os 10% mais ricos do planeta respondem por metade do total das emissões.

Fontes:<https://wmo.int/publication-series/wmo-greenhouse-gas-bulletin-no-20>;  
<https://policy-practice.oxfam.org/resources/carbon-inequality-kills-why-curbing-the-excessive-emissions-of-an-elite-few-can-621656/>;  
<https://climainfo.org.br/2024/10/28/concentracao-de-gases-de-efeito-estufa-na-atmosfera-bateu-recorde-em-2023/>

Recife, 30 de outubro de 2024